



ORIENTE MÉDIO

Trump joga "de lado"

Horas depois de prometer um "ataque duro" ao Irã, o presidente dos EUA volta atrás mais uma vez e acena com um acordo de paz que teria sido aprovado pelo regime islâmico. Teerã desmente o acerto

A semana termina, no Oriente Médio, enquanto a Copa do Mundo começa, nos EUA, com mais um ziguezague protagonizado por Donald Trump, e em meio a uma nova escalada nas escaramuças com o Irã no Golfo Pérsico. Depois de começar a quinta-feira prometendo "um ataque duríssimo" contra o adversário para a noite, o presidente norte-americano anunciou decidiu suspender a ofensiva e anunciou, em lugar de uma retomada da guerra, a possível assinatura de "um acordo (de paz) muito bom" neste fim de semana — a partir de suposta aprovação da proposta pelo líder supremo do regime islâmico, o aiatolá Mojtaba Khamenei. "Entendo que a resposta (dele) é sim."

Falando à imprensa no Salão Oval da Casa Branca, Trump mencionou que o acordo seria firmado "talvez na Europa", mas sem a sua presença. Por parte de Washington, seria enviado o vice-presidente, JD Vance. "As conversas e os últimos pontos foram, em princípio e em detalhe, aprovados por todas as partes envolvidas", prosseguiu, enumerando, entre outros, as petromonarquias do Golfo, aliadas dos EUA, mais Turquia e Israel — esse último, parceiro dos EUA nos ataques iniciais ao Irã, em 28 de fevereiro.

A agência de notícias iraniana Fars, citando uma fonte do governo, desmentiu a versão do presidente norte-americano. "Não foi aprovado nenhum texto para um memorando de entendimento inicial com os EUA", afirma uma postagem da agência. Até então, o chefe das Forças Armadas do Irã, o general Ali Abdollahi, assegurou que um novo ataque dos EUA receberia um revide "mais duro do que

Bahrain TV/ AFP



Carros atingidos por bombardeio iraniano no Bahrein, aliado dos EUA no Golfo Pérsico: escalada de ataques atravessa a diplomacia

antes, e as chamas da guerra, além de criar insegurança na região, se espalhariam". O oficial respondia a publicações de Trump prometendo atacar "muito fortemente nesta noite" e, "em futuro não muito distante", assumir "o controle total dos mercados iranianos de petróleo e gás, de maneira semelhante ao que fizemos na Venezuela".

O governo de Israel, parceiro dos EUA desde o ataque inicial ao

Irã, afirmou que a Casa Branca teria garantido que qualquer acordo de paz incluirá o compromisso, da parte de Teerã, de entregar seu estoque de urânio enriquecido a 60%, condição próxima à necessária para um artefato atômico. Após conversa por telefone com Donald Trump, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu "expressou sua gratidão pelo compromisso de que o acordo final incluirá a

retirada desse material, o desmantelamento da infraestrutura de enriquecimento, limites à produção de mísseis e o fim do apoio do Irã a seus grupos terroristas aliados na região", diz uma publicação do gabinete do premiê na rede social X.

Escaramuças

O novo vaivém da Casa Branca em torno da condução da guerra

se segue a um início de semana marcado pela escalada de ataques e contra-ataques entre as partes no Estreito de Ormuz, via marítima estratégica para os mercados de petróleo. Após uma sucessão de ataques a instalações militares iranianas no litoral, respondidas por golpes contra bases militares dos EUA nos vizinhos Bahrein e Kuwait, ao menos dois petroleiros foram bombardeados ontem por



As conversas e os últimos pontos foram, em princípio e em detalhe, aprovados por todas as partes envolvidas"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

forças norte-americanas. Em um deles, três marinheiros indianos foram mortos, confirmou o governo de Nova Délhi. O Comando Central (Centcom), que responde pelas operações militares de Washington no Oriente Médio, confirmou a autoria da ação, que mereceu condenação do governo indiano.

Diante do anúncio, pelo Irã, de um bloqueio total do estreito, medida inédita desde o início do conflito, países como Rússia, China, Turquia e Arábia Saudita pediram um retorno das partes à mesa de negociações. O mesmo fez o Paquistão, principal intermediário nas negociações indiretas que resultaram em um cessar-fogo em vigor desde 8 de abril — e manteve até ontem, a despeito de combates e ataques pontuais. O governo de Islamabad, porém, reconheceu que era "difícil manter o otimismo" nesse cenário. Os esforços diplomáticos envolveram mais uma visita a Teerã de uma delegação do vizinho Omã, próximo aos EUA, mas interessado diretamente na cessação das hostilidades.

» Entrevista | MAJOR RAFAEL ROZENSZAJN, PORTA-VOZ DAS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL (IDF)

"O Irã representa uma ameaça existencial"

» RODRIGO CRAVEIRO

Ele nasceu no Rio de Janeiro, jogou vôlei pelo Fluminense e futebol pelo time de base do Flamengo. Mudou-se para Israel mais de duas décadas atrás. Advogado especialista em direito internacional, mestre em direito público pela Northwestern University (em Chicago), o major da reserva Rafael Rozenszajn, 43 anos, é o primeiro porta-voz oficial das Forças de Defesa de Israel (IDF) em língua portuguesa e oficial da reserva. Autor de A guerra das narrativas (Editorial Citadel); fluente em português, hebraico e inglês, Rozenszajn retornou ao Brasil com uma missão específica: apresentar à sociedade brasileira a perspectiva israelense sobre os conflitos em curso — "com rigor, transparência e respeito ao nível do debate que o público brasileiro merece", explicou. "O Brasil é um dos países mais importantes do mundo para nós, não apenas pelo peso demográfico e pela presença expressiva da comunidade judaica, mas pela centralidade que ocupa no debate público global", afirmou. O major brasileiro das IDF falou ao Correio sobre a guerra contra o Irã e o movimento fundamentalista xiita libanês Hezbollah, a insegurança no norte de Israel e o perigo de um levante civil no Líbano.

O Irã representa que tipo de ameaça para Israel?

O Irã representa uma ameaça existencial, multidimensional e exportável. Não é apenas a questão nuclear, embora ela seja a mais grave

em termos de potencial de escalada. O regime iraniano financia, arma e treina organizações terroristas em múltiplas frentes — o Hamas em Gaza, o Hezbollah no Líbano, milícias no Iraque e na Síria. Além disso, o regime mantém milhares de mísseis balísticos direcionados a Israel. Essa arquitetura foi construída ao longo de décadas com um objetivo declarado: a eliminação do Estado de Israel. A Operação Rugido do Leão representou um avanço operacional histórico, neutralizando capacidades militares e infraestrutura do Corpo da Guarda da Revolução Islâmica (CGRI) de forma sem precedentes. Mas somos realistas: o problema iraniano não se resolve em uma única operação. O que muda é a equação estratégica. O Irã sabe agora que Israel tem capacidade e determinação para agir além de suas fronteiras imediatas. As Forças de Defesa de Israel (IDF) permanecem em estreita coordenação com seus contrapartes americanos diante da ameaça comum representada pelo regime iraniano. Isso altera os cálculos de forma permanente.

E como Israel deve atuar para que o Irã desista do programa nuclear e deixe de ser essa ameaça?

Infelizmente, não posso entrar em detalhes sobre os próximos passos militares de Israel para alcançar os objetivos necessários para cancelar essa ameaça existencial futuro de Israel.

Em relação à operação no Líbano, qual é a receita para reduzir

Arquivo pessoal



a sensação de insegurança de moradores do norte de Israel e da Alta Galileia?

Essa pergunta me toca de maneira muito pessoal, porque estamos falando de comunidades reais, de famílias que há mais de um ano vivem entre sirenes e abrigos. Desde março, o Hezbollah disparou mais de 8.700 projéteis ao longo da fronteira Israel-Líbano. Desde outubro de 2023, foram mais de 14 mil projéteis lançados contra o território israelense. Isso não é uma abstração; é o cotidiano de centenas de milhares de israelenses. A resposta de curto prazo é operacional: as IDF mantêm presença na

Área de Defesa Avançada precisamente para proteger essas comunidades, e temos investido de forma intensa no enfrentamento à ameaça dos drones explosivos, incluindo a criação de um comando específico no Norte e equipes de inteligência dedicadas a revisar tecnologia e estratégia do inimigo. Mas a resposta estrutural é mais ampla: o Hezbollah precisa ser desarmado ao sul do Rio Litani, conforme exige a comunidade internacional de forma unânime. Enquanto a organização manter infraestrutura, operativos e armamentos nessa região, nenhuma solução será duradoura. A segurança no norte de Israel é, em última análise,

uma questão de implementação do direito internacional — e de vontade política da comunidade das nações.

De que forma vê o risco de uma nova guerra civil no Líbano?

Há sinais de que parte da população libanesa passou a enxergar o Hezbollah não apenas como uma ameaça para Israel, mas também como um fator de instabilidade para o próprio Líbano. Esse entendimento tem sido observado em diferentes setores da sociedade e em manifestações de autoridades libanesas que defendem o fortalecimento do Estado e a redução da influência de grupos armados no país. Existe um interesse crescente dentro do Líbano em enfraquecer e desmantelar a estrutura militar do Hezbollah. Como exemplo recente, soldados que atuam no sul do Líbano encontraram, na semana passada, uma mensagem deixada por um morador cristão de uma aldeia da região agradecendo às tropas israelenses pelas ações contra a organização. Episódios como esse refletem a percepção de parte da população de que a presença e as atividades do Hezbollah representam riscos não apenas para Israel, mas também para a segurança, a estabilidade política e o desenvolvimento do próprio Líbano.

Como avalia o antissemitismo no Brasil e no mundo?

O antissemitismo contemporâneo é sofisticado o suficiente para, muitas vezes, não se apresentar como tal. Ele se disfarça de crítica política, de solidariedade a causas legítimas, de linguagem dos direitos humanos. Há uma diferença fundamental entre criticar Israel — o que é legítimo e necessário, como em qualquer democracia — e transformar

Israel no repositório de todos os males do mundo, negando-lhe o direito à existência que se concede a qualquer outro Estado. Quando essa linha é cruzada, estamos diante de algo que transcende a crítica política. No Brasil, observamos um crescimento preocupante de episódios de intolerância, especialmente nas redes sociais, frequentemente alimentados por narrativas importadas sem verificação factual. É importante dizer com clareza: o antissemitismo não protege os palestinos. Ele degrada o debate e impede soluções reais. Sociedades que confundem análise crítica com ódio sistêmico perdem, antes de tudo, a capacidade de pensar com precisão sobre conflitos complexos.

Qual é a sua ligação com o Brasil?

Nasci no Rio de Janeiro. Então, minha ligação com o Brasil não é apenas afetiva — é constitutiva. O Rio de Janeiro está em mim de uma forma que nenhuma distância apaga. Cresci lá, me formei como pessoa lá. Joguei vôlei pelo Fluminense e fui atleta de futebol no Flamengo — cheguei a jogar com o Adriano Imperador e com o Felipe Melo, entre outros nomes que se tornaram referência no esporte brasileiro. O esporte me ensinou sobre disciplina, trabalho em equipe, resiliência. Valores que carrego até hoje, na vida militar e no trabalho jurídico. Imigrei para Israel há mais de 20 anos, mas o Brasil nunca deixou de ser parte de quem eu sou. Essa raiz carioca, essa fluência natural com a cultura e com o povo brasileiro, é o que me permitiu exercer com autenticidade o papel de primeiro porta-voz oficial das Forças de Defesa de Israel em língua portuguesa. Não falo para o Brasil de fora. Falo como alguém que conhece esse país por dentro — e que tem profundo respeito pelo nível de debate que a sociedade brasileira é capaz de sustentar.